



A POÉTICA FEMININA NEGRA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ARTE E VIDA

Ester Mascarenhas dos Santos¹

Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Niterói, RJ, Brasil.

Maria Clareth Gonçalves Reis²

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

Resumo: Neste artigo buscamos apresentar vozes literárias de autoria feminina negra, ampliando os espaços de ressignificação do lugar dos sujeitos negros nas diversas formas de valorização da negritude. Esse compromisso de afirmação da humanidade na dimensão poética, estética e cotidiana de pessoas negras atinge a particularidade de mundo da mulher negra, sobretudo na autoria feminina em obras literárias infantis contemporâneas. Em nosso enfoque, procuramos destacar a autoria de 5 (cinco) mulheres negras com narrativas literárias que apontam caminhos, como uma bússola que orienta os navegantes no contexto da luta antirracista. As reflexões têm como base os estudos das relações raciais no espaço escolar e a literatura na dimensão da cultura africana e afro-brasileira.

Palavras-Chave: Literatura infantil e juvenil; Mulher negra; Cultura africana e afro-brasileira.

THE BLACK FEMALE POETICS IN CHILDREN AND YOUTH LITERATURE: ART AND LIFE

Abstract: In this article we seek to present literary voices of black female authorship, expanding the spaces of resignification of the place of black subjects in the various forms of valorization of blackness. This commitment to affirm humanity in the poetic, aesthetic and everyday dimension of black people reaches the particularity of the black woman's world, especially in the female authorship in contemporary children's literary

¹ Pedagoga na rede FAETEC e na Prefeitura Municipal de Macaé, Mestre em Educação/UFF. E-mail: ester.mascarenhas9@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8539-6064>

² Professora Associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF/RJ), coordenadora do NEABI/UENF e coordenadora da área científica quilombos, territorialidades e saberes emancipatórios da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN). E-mail: clareth@uenf.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5165-0239>



works. The intention is not to list specific literary works or authors to expand the reader's repertoire, especially black children and young people. In our approach, we seek to highlight the authorship of 5 (five) black women with literary narratives that point paths, like a compass that guides navigators in the context of the anti-racist struggle. The reflections are based on studies of racial relations in the school space and literature in the dimension of African and Afro-Brazilian culture.

Keywords: Children's and youth literature; Black woman; African and Afro-Brazilian culture.

POÉTICAS NEGRAS FEMENINAS EN LA LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL: ARTE Y VIDA

Resumen: En este artículo buscamos presentar voces literarias de autoría femenina negra, ampliando los espacios de resignificación del lugar de los sujetos negros en las diversas formas de valorización de la negritud. Este compromiso por afirmar la humanidad en la dimensión poética, estética y cotidiana de los negros alcanza la particularidad del mundo de la mujer negra, especialmente en la autoría femenina en las obras literarias infantiles contemporáneas. En nuestro abordaje, buscamos resaltar la autoría de 5 (cinco) mujeres negras con narrativas literarias que señalan caminos, como una brújula que guía a los navegantes en el contexto de la lucha antirracista. Las reflexiones se basan en estudios de las relaciones raciales en el espacio escolar y la literatura en la dimensión de la cultura africana y afrobrasileña.

Palabras Clave: Literatura infantil y juvenil; Mujer negra; Cultura africana y afrobrasileña.

LA POÉTIQUE FÉMININE NOIRE DANS LA LITTÉRATURE ENFANCE ET JEUNESSE: L'ART ET LA VIE

Résumé: Dans cet article, nous cherchons à présenter les voix littéraires de la paternité féminine noire, élargissant les espaces de resignification de la place des sujets noirs dans les différentes formes de valorisation de la noirceur. Cet engagement à affirmer l'humanité dans la dimension poétique, esthétique et quotidienne des personnes noires atteint la particularité du monde de la femme noire, en particulier dans la paternité féminine des œuvres littéraires contemporaines pour enfants. L'intention n'est pas d'énumérer des œuvres littéraires ou des auteurs spécifiques pour élargir le répertoire du lecteur, en particulier des enfants et des jeunes noirs. Dans notre approche, nous cherchons à mettre en lumière la paternité de 5 (cinq) femmes noires avec des récits littéraires qui indiquent des chemins, comme une boussole qui guide les navigateurs dans le contexte de la lutte antiraciste. Les réflexions s'appuient sur des études des relations raciales dans l'espace scolaire et la littérature dans la dimension de la culture africaine et afro-brésilienne.

Mots-clés: Littérature jeunesse et jeunesse; Femme noire; Culture africaine et afro-brésilienne.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, procuramos selecionar na autoria feminina as contribuições de cinco autoras negras contemporâneas de literatura infantil: Eliane Debus, Kiusam de Oliveira, Nilma Lino Gomes, Lucimar Dias e Sônia Rosa. Essas vozes literárias femininas na literatura infantil contemporânea representam a dimensão poética, estética e cotidiana.

Mulheres negras, escritoras, pesquisadoras no campo da Educação e Literatura, referências na publicação de obras de literatura infantil brasileira que potencializam as narrativas no contexto da luta antirracista.

Nilma Lino Gomes (2008), no artigo “Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação”, indaga aos leitores sobre suas atividades na escola, na sala de aula e, principalmente, sobre o enfrentamento de situações de discriminação racial no espaço escolar. Diante da complexidade da educação na construção de saberes culturais e sociais, uma grande questão sobre as relações raciais e o papel da escola é apresentada: “[...] como podemos pensar a escola brasileira, principalmente a pública, deslocada das relações raciais que fazem parte da construção histórica, cultural e social deste país? [...]” (GOMES, 2008, p. 143). A autora propõe que os educadores e educadoras compreendam o processo educacional no cotidiano escolar a partir das dimensões “[...] ética, diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura e as relações raciais, entre outras [...]” (GOMES, 2008, p. 143). E, ainda, julga imprescindível esse debate no processo de formação de professores:

[...] seria interessante se pudéssemos construir experiências de formação em que os professores pudessem vivenciar, analisar e propor estratégias de intervenção que tenham a valorização da cultura negra e a eliminação de práticas racistas como foco principal. [...] É preciso que as práticas pedagógicas sejam orientadas por princípios éticos que norteiam as relações estabelecidas entre professores, pais e alunos no interior das escolas brasileiras (GOMES, 2008, p. 145-146).

Essa discussão sobre a questão racial na escola abre espaço para uma reflexão sobre as representações, sobretudo, no processo de formação humana. Gomes (2008)



nos alerta para a necessidade de desenvolver estratégias de combate ao racismo no ambiente escolar: “[...] Uma estratégia interessante e que poderá nos ajudar na mudança de valores e práticas é conhecer outras experiências de intervenção bem-sucedidas no trato da questão” (GOMES, 2008, p. 147). Esse entendimento tem como princípio valorizar e afirmar as identidades, historicidade negada, ancestralidade e memória.

A alteração do Artigo 26-A e 79-B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996) tornou obrigatória a inserção da temática afro-brasileira e africana nos conteúdos programáticos de Arte, Literatura e História, entre outras áreas, no âmbito de todo currículo escolar do ensino fundamental e do ensino médio. Essa alteração na LDBEN foi incluída pela lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e se apresenta como continuidade das políticas públicas de superação da exclusão histórica e o resgate da contribuição do povo negro na formação da sociedade brasileira (BRASIL, 1996, 2003).

A Lei nº 11.645, sancionada em 10 de março de 2008, alterou a Lei nº 9.394, modificada pela Lei nº 10.639/03, para incluir no currículo oficial a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2003, 2008). Esse instrumento legal propõe o fortalecimento da identidade negra e valorização da história dos povos negros e indígenas. Sobretudo, ao introduzir uma proposta de educação antirracista no sistema educacional brasileiro, a fim de mobilizar educadores a uma reflexão e consciência crítica acerca das ações educativas de combate ao racismo e às discriminações, bem como a redução das desigualdades sociais e educacionais. Tais políticas públicas e instrumentos normativos são fruto de lutas e reivindicações do Movimento Negro brasileiro para atender a demandas antigas de mobilização nacional sobre as questões raciais.

Substanciadas nas relações étnico-raciais, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, aprovada na Resolução nº 01, de 17 de junho de 2004, pelo Conselho Nacional de Educação, orientam a proposta de fortalecimento de identidades e combate ao racismo e às discriminações, bem como a redução das desigualdades sociais e educacionais. Em seu texto explicita que “[...] a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de



desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL, 2004, p. 14).

Cavalleiro (2001) anuncia possíveis caminhos para a construção de uma educação antirracista, especialmente aqueles pautados no respeito às diferenças raciais, ao reconhecimento da diversidade e ao combate ao racismo. Reconhece ainda que a educação antirracista aponta para a reconquista da identidade positiva, exercício da cidadania e valorização da igualdade das relações.

Nesse entendimento, [...] é de extrema relevância propiciar que ao brincar as crianças estejam constantemente em contato com a diversidade, para que seu repertório e os modos pelos quais elas entre em contato com este universo sejam ampliados” (SILVA, 2020, p.71)

Gomes (2010) agrega a essa discussão na articulação entre classe, gênero e raça na construção de identidade. No contexto de racismo e desigualdades, a “identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa” (GOMES, 2010, p. 98).

E, se finalmente educadores, mulheres e homens, negros e brancos se inserirem no movimento da educação antirracista, reconhecendo privilégios e resgatando figuras históricas desconhecidas no processo de luta e organização dos africanos e seus descendentes, será possível, como salienta Gomes (2017), ressignificar raça, indagar sobre sua história e romper com o lugar de inferioridade racial para prosseguir na construção da identidade negra.

Ao narrar histórias de mulheres negras, professoras universitárias, Maria Clareth Gonçalves Reis (2017) nos inspira a falar sobre nossas trajetórias, histórias e conquistas individuais, a fim de fortalecer o coletivo de mulheres negras. A autora traz reflexões importantes sobre raça, classe e gênero no Livro “Mulheres, negras e professoras: suas histórias de vida”, oriundo da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF. No capítulo intitulado “Processos de construção de identidades negras”, Reis (2017) apresenta relatos das professoras, sujeitas do estudo, buscando elementos de como o processo de construção de identidades raciais negras é abordado pelas entrevistadas. Assim, na construção das relações sociais surgem alguns elementos que contribuem para afirmação e/ou negação da identidade racial negra:



[...] não há um momento específico ou predeterminado para constituição de uma identidade. Ao contrário, essa construção perpassa toda a nossa existência, [...] surgem também os conflitos inerentes a esse processo, já que estamos continuamente nos deparando com novos componentes das nossas identidades, trazendo algumas vezes prazer; em outras, dor (REIS, 2017, p. 61).

A Prof.^a Dr.^a Maria Clareth Gonçalves Reis coordena os estudos realizados pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/UENF) e a disciplina Educação e Relações Étnico-raciais que utilizam a música, a poesia, o canto, a pintura, a dança, o teatro, a literatura como expressão artística dessa/s identidade/s na temática indígena e afro-brasileira, experiência que vem potencializando reflexões como esta que ora apresentamos.

Munanga (2019a) apresenta uma reflexão importante ao debate sobre os processos de construção da identidade negra. A discussão em torno da diversidade contextual e alguns fatores essenciais: “[...] o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico” (MUNANGA, 2019a, p. 12). Para ele, o processo de construção da identidade surge a partir da consciência e compreensão das diferenças: “[...] não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados” (MUNANGA, 2019a, p. 11).

Tendo como referência esse entendimento, é possível compreender que a relação entre os processos históricos, sociais e culturais integram a construção da identidade negra. Entretanto, homens e mulheres negras se deparam ao longo de sua vida com conflitos internos e o peso do racismo cotidianamente.

É nesse espelho social que o negro brasileiro tem se olhado. Assim, ele se constrói como sujeito imerso numa tensão entre uma imagem socialmente construída em um processo de dominação e a luta pela construção de uma autoimagem positiva. Não permitir que tal imagem social destrua a sua autoimagem é um desafio. Construir uma autoimagem, um “novo negro”, que se pautar nas referências identitárias africanas recriadas no Brasil, também o é (GOMES, 2019, p. 158).

Jurandir Freire Costa (1944-) no prefácio do livro ““Tornar-se negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social” (1983), escrito pela psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza (1948-2008), descreve a violência racista:

A violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.



[...] a violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro (COSTA, 1983, p. 2-3).

Nesse entendimento, a construção da identidade negra perpassa pela violência racista. Ao refletir sobre o estudo, Jurandir Freire Costa identifica a complexidade da relação entre o sujeito negro e seu corpo na organização dos processos mentais, “[...] a identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe sentir e a pensar” (COSTA, 1983, p. 6).

Tendo como referência a voz de uma mulher negra que fundamenta seu estudo no entendimento do negro sobre o negro, sobretudo, nas experiências e relatos de histórias de vida de negros e negras, Souza (1983) trata no livro “Tornar-se negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social” sobre os conflitos emocionais que envolvem a ascensão social do negro brasileiro. Para ela, descobrir essa nova identidade é tornar-se negro:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983, p. 77).

Nessa tentativa de compreender os processos psicológicos, retratou através da técnica de história de vida, o processo de ascensão social numa sociedade multirracial e de hegemonia branca. “Ser negro”, para Souza, é tomar posse desta consciência e criar uma que não permita qualquer tipo de exploração:

A identidade é sempre uma relação: o que eu sou só se define pelo que não sou; a definição de minha identidade é sempre dependente da identidade do Outro. Além disso, a identidade não é uma coisa da natureza; ela é definida num processo de significação: é preciso que, socialmente, lhe seja atribuído um significado. Como um ato social, essa atribuição de significado está, fundamentalmente, sujeita ao poder (SILVA, 2009, p. 106).

Munanga e Gomes (2016) chamam atenção para o estereótipo negativo de mulheres e homens negros, construído historicamente na sociedade a partir do equívoco



do africano escravizado passivo aos maus tratos de seus senhores, indolente, preguiçoso e conformado com a exploração. Munanga (2019) analisa a relação entre a identidade e o corpo negro identificando os problemas específicos de alienação referente ao corpo e a cor da pele, contudo compreende que a recuperação dessa identidade perpassa pela “[...] aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade” (MUNANGA, 2019, p. 18).

Assim, podemos dizer que é de suma importância o papel da educação na formação da identidade, sobretudo, negra. No que diz respeito às relações raciais e à educação, a necessidade de valorizar e resgatar a contribuição histórica da população negra na construção da sociedade brasileira se apresenta como essencial no enfrentamento do racismo. Contudo, necessita ser desenvolvida nas escolas de forma efetiva, a partir das orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2006).

A LITERATURA NA DIMENSÃO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

No “Dicionário Literário afro-brasileiro”, Nei Lopes (2011) define a literatura, entre outros significados, como obras literárias reconhecidas em um país pelo seu valor estético, que “[...] implica o aval de instituições como as universidades e círculos eruditos, instituidores dos cânones [...] aval esse muitas vezes negado à produção literária dos afro-brasileiros contemporâneos [...]” (LOPES, 2011, p. 94).

Debus (2017) analisa a questão étnico-racial na literatura infantil e juvenil, a fim de compreender o papel da literatura nas práticas antirracistas, a origem estética, as narrativas voltadas à infância, a correlação entre ancestralidade e oralidade, o poder da palavra e da africanidade de povos excluídos e vozes silenciadas. Para ela, uma das funções principais da literatura é manter a língua como patrimônio cultural, força humanizadora, na contribuição da identidade e ampliação da visão do mundo. A autora reconhece a importância dos textos literários no encontro ficcional do leitor: “[...] o



contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, permite uma visão ampliada de mundo” (DEBUS, 2017, p. 22-23).

Kiusam de Oliveira (2020) destaca que, após a promulgação da Lei Federal 10.639/03³, os intelectuais negros, como Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Neusa Santos, entre outros, ganharam visibilidade nas produções as quais a autora denomina como epistemologias negras, “[...] sistematizando uma episteme negra [...]” (OLIVEIRA, 2020, p. 4). A constituição e desdobramentos dessa representação, valorização e afirmação da negritude ultrapassam os limites literários ao demarcar “[...] a gigantesca tarefa da reconstrução de um ‘eu’ coletivo que teve a sua humanidade estilhaçada pela escravização e pelo racismo. Por isso, dizer-se negro e posicionar-se como tal no âmbito do texto é importante no contexto da literatura brasileira” (CUTI, 2010, p. 71).

Maria Firmina dos Reis (1822-1917) foi mulher negra, maranhense, escritora e professora, foi percussora na literatura nacional. Inaugurou o romance brasileiro de autoria feminina em 1859 com a obra “Úrsula” (ROSA, 2020). A produção literária de mulheres negras se conecta em gerações, no livro “Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis”, em que Jarid Arraes (2017) reúne a biografia de mulheres negras em forma de poesia de cordel no resgate das histórias e origens afro-brasileiras. Ao contar a história de Maria Firmina dos Reis, destacou:

[...] Uma forma que encontrou
Pra política exercer
Foi na arte literária
Que ela veio a escrever
Contos, livro e poesia
Tudo pronto pra se ler [...]
Porque graças a Firmina
Hoje temos esse espelho
Da mulher negra escritora
E que publicou primeiro
Um livro abolicionista
Com mais belo centelho [...]

 (ARRAES, 2017, p. 108 e 111).

De modo geral, muitas heroínas negras foram silenciadas na história do país; por isso, contar essas histórias, destacar a importância dos textos, dos acontecimentos, aproxima principalmente em mulheres negras o sentimento de afetividade com a leitura

³ Lei Federal de 9 de janeiro de 2003 que estabelece no currículo oficial da rede pública e particular a obrigatoriedade da inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003).



e a escrita, considerando, sobretudo, a realidade de invisibilidade e exclusão da autoria negra no processo literário. “E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p. 12).

Nesse resgate da ancestralidade, culturas e saberes silenciados dos africanos e afro-brasileiros na construção da sociedade brasileira, “Os discursos (todos) passam pelo poder dizê-lo. O silêncio pertence à maioria que ouve e, quando muito, repete. Falar e ser ouvido é um ato de poder. Escrever e ser lido, também” (CUTI, 2010, p. 47).

Diante da consciência desse poder, destacamos a força feminina na voz de uma mulher negra que representa um coletivo de esperança e de oportunidades, Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946-), que assina suas publicações literárias, poesias, contos, romances e crônicas como Conceição Evaristo, mulher negra, professora, pesquisadora e escritora (LITERAFRO, 2021). “Produzindo uma contra-escrita à letra hegemônica [...]” (EVARISTO, 2007, p. 24), na escrita literária surge o que denomina de *escrevivência*:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais [...] Nossa *escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (EVARISTO, 2020, p. 30).

Conceição Evaristo (2020) identifica na escrita de mulheres negras um movimento para minimizar os efeitos do racismo e da violência vivenciada pelos antepassados escravizados. “E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não.” (EVARISTO, 2020, p. 30). Como bem focaliza Cuti (2010), a palavra “negro” assume, revela e afirma no texto a cor da pele negra. “Identificar-se com essa palavra é comprometer a sua consciência na luta antirracista, é estar atento aos preconceitos e à consequente cristalização de estereótipos [...]” (CUTI, 2010, p. 44).

Na década de 1990, Conceição Evaristo passou a publicar seus contos e poemas nos Cadernos Negros, fruto do movimento literário “Quilombhoje”, criado em São Paulo em 1980 pelos escritores Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Abelardo Rodrigues. Inicialmente, os encontros do movimento literário eram informais de poesia, poemas, música e declamação em homenagem aos ícones da cultura negro-brasileira e estrangeira. A série anual Cadernos Negros está no volume 43 “Poemas Afro-Brasileiros”, organizado por Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro, lançado em abril de 2021. Atualmente, o movimento “Quilombhoje” realiza a produção e distribuição, enriquecendo a discussão sobre a questão racial e dando visibilidade a escritores negros e a literatura afro-brasileira (CUTI, 2010; LOPES, 2011).

O romance “Ponciá Vicêncio” foi publicado em 2003 pela Editora Mazza e representou a primeira publicação solo de Conceição Evaristo. A história ficou guardada por dez anos e a 1ª edição foi totalmente financiada pela autora, que possui obras literárias no Brasil e no exterior, com publicações nos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra.

As exigências da Lei 10.639/03 e a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) somam-se às reivindicações históricas do Movimento Negro e resultam na ampliação do “[...] nicho mercadológico a partir da necessidade de livros que tematizem e problematizem as questões étnico-raciais” (DEBUS, 2017, p. 37).

Por um lado, percebe-se a ampliação de publicações literárias de títulos e autores que já abordavam a temática. Por outro, há crescente produção de autores e obras que erroneamente mantêm personagens negras estereotipadas, geralmente vinculadas ao período de escravização africana, negação da opressão ancorada no processo de colonização e primazia eurocêntrica. “Cristalizar a imagem do estado de escravo tornar-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se, assim, uma inferiorização datada” (LIMA, 2008, p. 99).

Faz-se oportuno reafirmar o compromisso com o enfrentamento ao racismo no posicionamento político perante a dimensão poética literária com referências que

ressignificam o lugar dos sujeitos negros nas diversas formas de valorização da negritude.

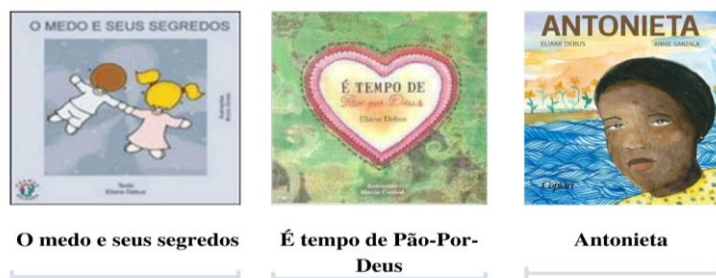
AUTORIA FEMININA NEGRA DE LITERATURA INFANTIL: ELIANE DEBUS, KIOUSAM DE OLIVEIRA, NILMA LINO GOMES, LUCIMAR DIAS E SONIA ROSA

Pesquisar a biografia, ainda que de forma breve, de 5 (cinco) mulheres negras referências de literatura infantil brasileira pode oferecer explicações relevantes sobre a visão de mundo de cada uma delas. Acima de todas as proposições vinculadas à poética literária, algo não pode ser deixado de lado: envolve o percurso acadêmico na trajetória das escritoras, pesquisadoras no campo da Educação e Literatura. As narrativas literárias valorizam personagens negras que rompem com hierarquias sociais e raciais a fim de superar estereótipos. Destacam-se o contexto de afetividade e harmonia entre o texto e as imagens. Na narrativa literária observamos dois elementos centrais: a ancestralidade africana e afro-brasileira e a valorização da identidade e autoestima de pessoas negras em situações cotidianas.

Eliane Debus

Eliane Santana Dias Debus (1966) nasceu em Santa Catarina, mulher negra, professora, pesquisadora e escritora. Na formação acadêmica possui graduação em Letras na Fundação Educacional de Criciúma, mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e Pós-doutorado na Universidade do Minho – Portugal. Docente na Universidade Federal de Santa Catarina, lidera o Grupo de pesquisa em literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária (LITERALISE) na mesma Universidade (UNIVERSIDADE..., 2013; PLATAFORMA..., 2021a).

Figura 1 – Publicações literárias para as infâncias: capas dos livros de Eliane Debus



Fonte: Elaborado pela autora a partir da compilação de obras de Eliane Debus (2020, 2021a, 2021b).

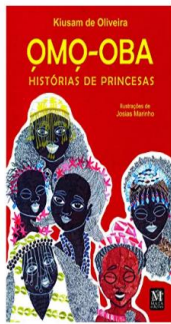
As publicações literárias para as infâncias da autora Eliane Debus incluem os títulos: “O medo e seus segredos” e “É tempo de Pão-De-Deus”, os quais contam com as ilustrações de Márcia Cardeal pela Editora Copiart/SC, e o livro recém-lançado “Antonieta” (2020d), com ilustrações de Annie Ganzala, publicado também pela Editora Copiart/SC.

A obra infantojuvenil “Antonieta” retrata a história de Antonieta de Barros (1901-1952); o texto repleto de poesia apresenta a protagonista desde a infância como Antonieta menina, seguida de Antonieta moça, Antonieta professora, Antonieta escritora, jornalista, Antonieta vira Maria da Ilha e Antonieta deputada estadual. No final, reforça o orgulho da identidade negra de uma mulher inspiradora: “[...] Antonieta é negra mulher que nunca se pintou de outra cor” (DEBUS, 2020d, p. 30).

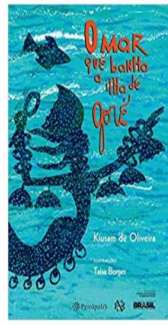
Kiusam de Oliveira

Kiusam Regina de Oliveira nasceu em São Paulo, mulher negra, professora, arte educadora, contadora de histórias, bailarina, coreógrafa, pesquisadora e escritora. Como formação acadêmica possui graduação em Pedagogia, no Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É docente na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) (PLATAFORMA LATTES, 2019; LITERAFRO, 2018).

Figura 2 – Produções literárias para as infâncias: capas dos livros de Kiusam de Oliveira.



Omo-Oba: histórias de
princesas



O mar que banha a Ilha
de Goré



O mundo no black power de
Tayó



O black power de Akin



Com qual penteado eu vou?

Fonte: Compilação da autora com obras de Kiusam de Oliveira (2009, 2013, 2014, 2020, 2021).

As publicações literárias para as infâncias da autora Kiusam de Oliveira incluem os títulos: “O mundo no black power de Tayó” (2013), que conta com as ilustrações de Taisa Borges pela Editora Peirópolis; “O black power de Akin” (2020), cujo ilustrador foi Rodrigo Andrade pela Editora de Cultura; o recém-lançado “Com qual penteado eu vou?” (2021), ilustrado por Rodrigo Andrade e publicado pela Editora Melhoramentos; “O mar que banha a Ilha de Goré” (2014), com ilustrações de Taisa Borges pela Editora Peirópolis; e “Omo-Oba: histórias de princesas” (2009), cujas ilustrações foram de Josias Marinho e a publicação pela Mazza Edições.

Em 2009, Kiusam de Oliveira publicou o primeiro livro de literatura infantojuvenil “Omo-Oba: histórias de princesas”. A narrativa se concentra em 6 (seis) histórias de princesas que se tornaram rainhas: Oiá, Oxum, Iemanjá, Olocum, Ajê Xalugá e Oduduá. Em cada história, as princesas negras utilizam a força ancestral na resolução dos seus conflitos.

Kiusam de Oliveira (2020) fundamenta seus estudos na perspectiva que denomina como *Pedagogia da Ancestralidade* ou *Eco-Ancestral*, que traz no feminino sua essência e o conhecimento ancestral como primordial no processo diverso da aprendizagem.

A Pedagogia da Ancestralidade (ou Pedagogia Eco-Ancestral) deve ser visto como um grande guarda-chuva com suas inúmeras barbatanas: a Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil é uma delas, utilizada recorrentemente, como forma de empoderar crianças negras mediante personagens como elas, com família, contextos familiares saudáveis, com estratégias capazes de fortalecê-las na superação das práticas racistas no

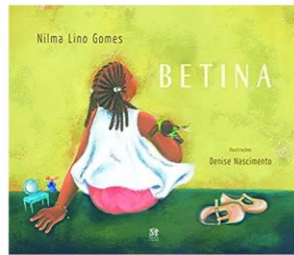
cotidiano, entre tantas outras possibilidades de cruzamentos (OLIVEIRA, 2020, p. 8).

Para a autora, a *Pedagogia da Ancestralidade* se relaciona com os saberes tradicionais articulados aos elementos da natureza e aos seres ecológicos. Neste entendimento, as experiências nas infâncias valorizam a sensibilidade do corpo, “[...] pensar as infâncias como não condicionadas a ações pré-determinadas dentro de uma faixa etária e sim, ousar em pensá-la diretamente conectada e sustentada pelas tradições, que são múltiplas” (OLIVEIRA, 2020, p. 11). Dialogamos assim com outros conhecimentos e possibilidades de ser e estar no mundo, interligados à sensibilidade de diferentes tempos, espaços, ambientes, saberes, corpos e sensações em contextos diversos e cotidianos.

Nilma Lino Gomes

Nilma Lino Gomes (1961-), mulher negra, professora, pesquisadora e escritora. Na formação acadêmica possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestrado em Educação pela mesma Universidade, doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado em Sociologia na Universidade de Coimbra-Portugal e em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Docente Titular Emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e grande referência na educação nacional no campo da promoção da igualdade racial. Em seu currículo, cabe destacar sua atuação como reitora Pró-Tempore da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e como Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) em 2015 e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos entre os anos de 2015-2016 (PLATAFORMA..., 2021b).

Figura 3 – Produções literárias para as infâncias: capas dos livros de Nilma Lino Gomes



Betina



O menino coração de tambor

Fonte: Compilação da autora com obras de Nilma Lino Gomes (2009, 2021).

As publicações literárias para as infâncias da autora Nilma Lino Gomes incluem os títulos: “Betina” (2009), com ilustrações de Denise Nascimento e publicação pela Mazza Edições, e “O menino coração de tambor” (2021), cujas ilustrações são de Mauricio Negro, recém-lançado pela Mazza Edições.

O livro infantojuvenil “Betina” (2009) emociona ao abordar questões sensíveis entre a avó e a netinha, Betina. A relação afetuosa e os penteados feitos por sua avó retratam o cotidiano de uma família. Os segredos para um bom trançado, a arte das tranças, a beleza, os elogios na escola, atravessam a história que transforma uma menina trançadeira em uma mulher cabeleireira. A narrativa reconecta histórias de vida e traz à memória a saudade da infância.

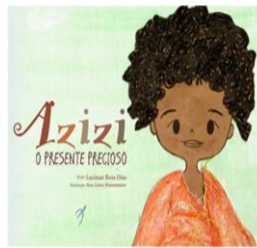
Lucimar Dias

Lucimar Rosa Dias (1966-), mulher negra, pedagoga, professora, pesquisadora e escritora. Na formação acadêmica possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mestrado em Educação pela mesma Universidade e doutorado em Educação na Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade Federal do Paraná (UFPR), coordena o Grupo de Estudos em Educação para as Relações Étnico-raciais (ErêYá). (PLATAFORMA..., 2021c).

Figura 4 – Publicações literárias para as infâncias: capas dos livros de Lucimar Dias



Cada um com seu jeito, cada
jeito é de um!



Azizi: o presente precioso

Fonte: Compilação da autora com obras de Lucimar Dias (2012, 2019).

As publicações literárias para as infâncias da autora Lucimar Rosa Dias incluem as obras: “Azizi, o presente precioso” (2019), ilustrado por Ana Luisa Maisonnave e lançado pela Editora Arole Cultural/SP; “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!” (2012), com ilustrações de Sandra Beatriz Lavandeira e pela Editora Alvorada.

A obra infantojuvenil “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!” (2012) apresenta uma menina negra chamada Luanda no enredo encantador. A rotina intensa da Luanda se assemelha a de muitas meninas de sua idade, pois gosta de ir à escola, ler, comer chocolate, brincar no parquinho e montar quebra-cabeças. Ela vive em um contexto familiar realçado pelo afeto dos pais, avó materna e irmãos. Luanda se sente bela e amada, inventa penteados diferentes a cada dia. Seu nome foi escolhido por seu pai, quando visitou Luanda, a capital de Angola, localizada na Costa Oeste da África do Sul.

Sonia Rosa

Sonia Rosa (1959-) nasceu no Rio de Janeiro, mulher negra, professora, pedagoga, contadora de histórias, pesquisadora e escritora. Na formação acadêmica possui cursos de especialização e mestrado em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) (ROSA, 2014).

Em 1995, publicou o primeiro livro infantil “O Menino Nito”, que foi relançado em 2002 pela Editora Pallas. O menino Nito é um menino bonito que, de tanto guardar o choro, um dia abriu o berreiro e não conseguia parar de chorar.

A escritora possui mais de 30 obras literárias infantis publicadas no Brasil e no exterior, suas histórias priorizam a temática afro-brasileira, em situações de protagonismo, afetividade e respeito. Sonia Rosa representa em seus personagens as aprendizagens de sua vida, suas experiências afetivas em família, com os amigos e alunos. “Quando se consegue provocar o encantamento nas pessoas pela palavra escrita ou falada em prosa ou em versos, o resultado é fascinante! É um adentrar num mundo novo” (ROSA, 2017, p. 22).

Figura 5 – Publicações literárias para as infâncias: capas dos livros de Sonia Rosa



Livros



Livros Internacionais



Fonte: Site Oficial da escritora Sonia Rosa (2014).

A obra infantojuvenil “Palmas e Vaiais” (2011), escrita por Sonia Rosa com ilustrações de Salmo Dansa pela Editora Pallas, apresenta a narrativa de uma menina negra chamada Florípedes. A menina sonhava com a festa da escola em uma manhã de sábado ensolarada em que seria premiada como a Sinhazinha da quinta série. Ao receber o prêmio, aconteceu o inesperado: o clube inteiro começou a vaiar a menina com seu topete alto, perninhas finas e bochechas inchadas. Ela foi aplaudida somente pela mãe e conseguiu segurar o choro até chegar a casa. Ela resolveu guardar na memória as palmas e o amor de sua mãe. A história encanta ao trazer as expectativas de uma menina de 11 anos diante da nova escola, do primeiro corte de cabelo, dos apelidos e mudanças hormonais – transformações de um corpo de criança passando pela adolescência.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou ampliar os espaços de potência literária dos sujeitos negros na dimensão poética, estética e cotidiana. A partir das reflexões das obras infantis e trajetórias de 5 (cinco) mulheres negras brasileiras, que valorizam nas narrativas literárias a ancestralidade africana e afro-brasileira.

As vozes literárias de autoria feminina negra estabelecem reflexões sobre o enfrentamento ao racismo e superação de estereótipos sobre a população negra, através de personagens em situações cotidianas de afetividade e harmonia entre o texto e as imagens. Neste sentido, Eliane Debus, Kiusam de Oliveira, Nilma Lino Gomes, Lucimar Dias e Sônia Rosa afirmam a ancestralidade afro-brasileira e africana na valorização da identidade e autoestima de mulheres e meninas negras.

Portanto, as obras literárias infantis de autoria feminina negra ressignificam o lugar do sujeito negro na literatura contemporânea no contexto da luta antirracista, comprometidas com os estudos das relações raciais e cultura africana e afro-brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES, Jarid. *Heróínas negras brasileiras: em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

BRASIL. Presidência da República. Lei Federal nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> . Acesso em: 4 jul. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. *Diário Oficial da União*. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> . Acesso em: 4 jul. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. *Diário Oficial da União*. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm> . Acesso em: 4 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD*, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *Da cor ao corpo: a violência do racismo*. In: SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.



DEBUS, Eliane. O medo e seus segredos. Livraria Saraiva, São Paulo, 2021a. Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/o-medo-e-seus-segredos-4075954/p>>. Acesso em: 20 maio 2021.

_____. É tempo de pão por Deus. São Paulo: *Livros com desconto*, 2021b. Disponível em: <<https://www.livroscomdesconto.com.br/produto/189361/e-tempo-de-pao-por-deus>>. Acesso em: 20 maio 2021.

_____. Antonieta. Minha pequena feminista. Curitiba, 2020c. Disponível em: <<https://minhapequenafeminista.com.br/produto/antonieta-eliane-debus/>>. Acesso em: 17 maio 2021.

_____. Antonieta. Tubarão (SC): *Copiart*, 2020d.

_____. Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des)velando preconceitos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 1, 191-210, jan./jun. 2010.

_____. A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens. São Paulo, SP: *Cortez*; Centro de Ciências da Educação, 2017.

DIAS, Lucimar Rosa. Cada um com seu jeito, cada jeito é de um. Campo Grande, MS: Alvorada, 2012. Disponível em: ><https://amzn.to/3hcVDAw>>. Acesso em: 20 maio 2021.

_____. Azizi: O presente precioso. São Paulo: *Arolê Cultural*, 2019. Disponível em: <<https://amzn.to/3hcVDAw>>. Acesso em: 20 maio 2021.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

_____. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: *Pallas*, 2017.

_____. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: *Mina Comunicação e Arte*, 2020. p. 26-47.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: *Autêntica*, 2010.

_____. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

_____. Betina. Belo Horizonte, MG: *Mazza Edições*, 2009. Disponível em: <https://amzn.to/3ykRAYw>. Acesso em: 27 jun. 2021.

_____. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: *Vozes*, 2017.

_____. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: *Autêntica Editora*, 2019.

_____. O menino coração de tambor. Belo Horizonte: *Mazza Edições*, 2021. Disponível em: <<https://amzn.to/3ygRpO0>> Acesso em: 27 jun. 2021.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: um breve perfil na literatura. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

LITERAFRO. Conceição Evaristo: dados biográficos. Belo Horizonte, 23 abr., 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LITERAFRO. Kiusam de Oliveira: dados biográficos. Belo Horizonte, 12 jun. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1055-kiusam-de-oliveira> Acesso em: 28 mar. 2021.

LOPES, Nei. Dicionário literário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: *Pallas*, 2011.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: *Autêntica Editora*, 2019a. _____ Prefácio. In: GOMES, Nilma Lino Gomes. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: *Autêntica Editora*, 2019b.

NAPOLEÃO, Eduardo. *Vocabulário Yorubá*. Rio de Janeiro: *Pallas*, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: *Perspectivas*, 2016.

OLIVEIRA, Kiussam de. *Com qual penteado eu vou?* São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://amzn.to/3dEE4Y5> Acesso em: 27 jun. 2021.

_____. *O black power de Akin*. São Paulo: *Editora de Cultura*, 2020. Disponível em: <https://amzn.to/3dE9xtj> Acesso em: 17 maio 2021.

_____. *O mar que banha a Ilha de Goré*. São Paulo: *Editora Peirópolis*, 2014. Disponível em: <https://amzn.to/2UURUPi> Acesso em: 27 jun. 2021.

_____. *O mundo no black power de Tayó*. São Paulo: *Editora Peirópolis*, 2013. Disponível em: <https://amzn.to/3dF8nO1> Acesso em: 17 maio 2021.

_____. *Omo-oba: histórias de princesas*. Belo Horizonte: *Mazza Edições*, 2009. Disponível em: <https://amzn.to/3dDB0LN> Acesso em: 27 jun. 2021.

_____. *Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil*. *Abatirá – Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, v. 1, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 2020.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. Kiusam Regina de Oliveira. Brasília: CNPq, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8515689976488963> Acesso em: 20 jun. 2021.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. Eliane Santa Dias Debus. Brasília: CNPq, 2021a. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8529733083684329> Acesso em: 20 jun. 2021.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. Nilma Lino Gomes. Brasília: CNPq, 2021b. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7444449891704854> Acesso em: 20 jun. 2021.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. Lucimar Rosa Dias. Brasília: CNPq, 2021c. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3476684741346049> Acesso em: 20 jun. 2021.

REIS, Maria Clareth Gonçalves. *Mulheres, negras e professoras: suas histórias de vida*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2017.

SILVA, Flávia Carolina da. *Educação das relações étnico-raciais na educação infantil: caminhos necessários para uma educação antirracista*. In: *Dossiê Temático: Crianças e Infâncias Negras: desafios e perspectivas antirracistas no Brasil*, *Revista da ABPN*. Jun - Ago 2020; p. 66-84, 2020.

ROSA, Sonia. *Palmas e vaias*. Rio de Janeiro: *Pallas*, 2011.

ROSA, Sonia. *Biografia*. Sonia Rosa: site oficial da escritora. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.escritorasoniarosa.com.br/biografia>. Acesso em: 17 maio 2021.

ROSA, Sonia. *Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: *Malê*, 2017.

ROSA, Soraia. *Um olhar sobre o romance Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. *LiterAfro*, Belo Horizonte, 19 fev. 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica->



de-autores-feminios/321-um-olhar-sobre-o-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-critica
Acesso em: 17 maio 2021.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. p. 17-33.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: *Vozes*, 2009.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, RJ: *Editora Graal*, 1983.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. Eliane Debus. Leituras jovens do mundo: Jornadas Literárias. Passo Fundo, 27 a 31 de agosto de 2013. Disponível em: <http://jornadasliterarias.upf.br/15jornada/index.php/autores/515-eliane-debus.html>. Acesso em: 16 fev. 2021.

Recebido em: 04/03/2022

Aprovado em: 20/04/2022